

UMA VIDA DE APARÊNCIA E LUXO: ANÁLISE SCHOPENHAUERIANA DA OBRA A MORTE DE IVAN ILITCH DE LIEV TOLSTÓI*

A LIFE OF APPEARANCE AND LUXURY: SCHOPENHAUERIAN ANALYSIS OF THE DEATH OF IVAN ILITCH BY LIEV TOLSTO

Ana Paula de Melo**

RESUMO

Esta proposta de pesquisa objetiva correlacionar a obra *A Morte de Ivan Ilitch* do russo Liev Tolstói com o pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer e sua interpretação sobre a morte nos capítulos dos suplementos ao livro quatro da obra *O Mundo como Vontade e Representação*. A construção dessa proposta de pesquisa científica se dá focada na morte em si, esta que, de acordo com Schopenhauer a sociedade vive como se nunca fosse enfrentá-la, assim ignorando e banalizando a seu significado. O cotidiano do personagem Ivan Ilitch expõe tal problemática, um indivíduo que a princípio se mostra acostumado com seu ciclo social, trabalhava, jogava Vint com os amigos, frequentava bailes com sua esposa e filhos, sem pensar que um dia morreria. Até que a morte, implacável e assustadora bateu em sua porta sob a forma de uma enfermidade desconhecida entre os médicos locais, Ivan sentia que as piores dores do mundo o tocavam, torturavam fisicamente e emocionalmente. Tal processo que o protagonista sofreu, será analisado na presente pesquisa seguindo a filosofia de Arthur Schopenhauer, que decorre do mais terrível dos medos, a morte, e sua superação pela negação da vontade.

PALAVRAS-CHAVE: morte; Schopenhauer; Tolstói.

ABSTRACT

This objective correlated research proposal with the work *The death of Ivan Ilych* from the Russian author Leo Tolstoy alongside Arthur Schopenhauer's philosophical thoughts and his interpretation of death in the chapters of supplements from the fourth book *The World as Will and Representation*". This research is structured with focus on death itself, which, according to Schopenhauer society lives as if it would never face it, thus precluding and underestimating its meaning. The daily life of the character Ivan Ilych exposes this fact, a person that at first glance is accustomed to his social life, work, Vint gatherings with his friends and proms with his wife and children, without thinking of passaway some day, until death, relentless and frightening, knocked on his door as an unknown is ease to local doctors, Ivan felt that the worst pains in the world touched and tormented him. Such a process that the protagonist suffered will be analyzed in this research in Schopenhauer's philosophy perspective, which stems from the most terrible of fears: death, and it's overcoming by denial of will.

KEYWORDS: death; Schopenhauer; Tolstoy.

* Comunicação recebida em 05/02/2024 e aprovada para publicação em 20/05/2024. O presente texto é uma comunicação referente ao trabalho de pesquisa sob a orientação do professor Fabiano Veliq.

** Graduada em Filosofia da PUC Minas. E-mail: anapaulamelo32@yahoo.com.br.

No século XIX, quando a obra *A Morte de Ivan Ilitch* (1886) foi publicada, a temática da morte foi amplamente tratada em obras que seguiam a expressiva corrente do Realismo, que se ampliava de forma significativa em diversas partes do mundo e exerceu forte influência na filosofia da época. A estética realista também tratou da finitude e problemas humanos sob os olhos de grandes escritores. Na literatura russa, há traços desses aspectos literários em célebres autores, destacando-se o próprio Liev Tolstói, Nikolai Gogol (1809-1852) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881).

Leon Tolstói, ou Liev Nikoláievitch Tolstói¹, nasceu na vasta propriedade rural de Iasnaia-Poliana na Rússia, no dia 09 de setembro de 1828. De origem ilustre da mais alta aristocracia russa, filho do conde Nikolai Ilitch Tolstói e da princesa Maria Nikoláievna. A princesa e o conde casaram-se em 1822 e tiveram cinco filhos, Nikolai (1823-1860), Serguei (1826-1904), Dmitri (1827-1856), Liev Tolstói (1830-1910) e Mariya (1830-1912).

Em 1840, Tolstói teve seus primeiros contatos com os clássicos russos, leu Liérmontov, Púchkin e Gógol, assim como destaques da literatura universal, Rousseau, Schiller e Dickens. Tal interesse o levou a Universidade Imperial de Kazan, estudando letras orientais durante um ano, mas sua passagem não foi digna de nota, levando a migrar para o curso de Direito, no qual ficou por dois anos e desistiu em 1847. Assim, voltou à propriedade de Iásnia Poliana, levando sua vida entre a propriedade e mesas de jogos em Moscou e São Petersburgo.

Em 1851, influenciado pelas narrações de seu irmão Nikolai, alista-se no exército e participa da Guerra da Criméia² (1853-1856), foi neste período que iniciou sua carreira literária, com influência da sua vivência militar. Após a derrota russa na Guerra da Crimeia, ficou evidente para a população o atraso tecnológico russo, a imagem de uma Rússia imperialista forte e resistente à ocidentalização fora abalada. O imperador Alexandre II temia as comparações tecnológicas da Rússia em relação às forças do ocidente, de fato, a marinha russa não era párea para combater grandes potências da época e seu armamento era escasso e antigo, contando com rifles de tecnologia primitiva e muitos soldados sem preparo, que de fato, em sua maioria era composto de servos e população civil que se juntaram a Guerra.

Em clima pós guerra, a sociedade russa enfrentava uma série de lutas sociais, boa parte das pessoas que retornaram da batalha, assim como, uma pequena parcela de detentores de força

¹ Para informações acerca da vida de Liev Tolstói pautei na obra *Tolstói, a biografia* de Rosamund Bartlett.

² A Guerra da Crimeia foi um conflito que se estendeu de 1853 a 1856, na península da Crimeia, no sul da Rússia e nos Bálcãs. Envolveu, de um lado, o Império Russo e, de outro, uma coligação integrada pelo Reino Unido, a França e o Reino da Sardenha.

política e econômica clamavam por modernização. Da mesma forma, essa parcela de pessoas puderam ouvir e conviver lado a lado com servos durante a guerra, ouvindo suas histórias de vida e enxergando pela primeira vez a desigualdade que cercava a Rússia imperialista. Cerca de 80% da população era composta por servos, chamados de *mujiques*, eles estavam nas casas dos nobres servindo seu senhor e seus filhos, estavam nos campos realizando o trabalho braçal e na base das escassas indústrias russas do século XIX. Indubitavelmente, o imperador percebeu que o primeiro passo para as reformas econômicas e sociais seria a emancipação dos *mujiques*³, sobretudo para evitar uma revolução advinda das camadas mais baixas da sociedade.

As angústias, os medos, os pecados e sonhos dos camponeses da Rússia no século XIX, foram conseqüentemente retratados através de romances épicos, novelas, contos e poesias; e convieram portanto, como um apanhado de momentos singulares, cheios de significação para a compreensão do imaginário de uma época (Tayar, 2017, p. 24).

Nessa época cercada de lutas sociais e clima incerto, Tolstói publica suas primeiras obras, entre elas, *Contos de Sebastopol* (1855), *Felicidade Conjugal* (1859) e *Os Cossacos* (1863). Em 1863, retorna à propriedade da família e casa-se com Sônia Andreievna Bers, é neste momento que escreve seus futuros romances aclamados, *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Karenina* (1877). De certo, na literatura tolstoiana é nítida a admiração de Tolstói as camadas mais baixas da estrutura social de sua época, o nobre possui uma grande apreço pela luta dos camponeses e mujiques, chegando a retratar em muitas obras até mesmo uma certa inveja a vida humilde dos trabalhadores, como muito bem retratado pelo personagem Lievin em sua obra *Anna Karenina*. Observa-se a resistência de Tolstói a um imperialismo elitista, tanto na sua filosofia como nos seus escritos, vemos em Orlandi (1972) uma carta em que Tolstói afirma que:

Sou o doente número 1 do asilo de loucos que é a minha casa de Iasnaia Poliana. Temperamento sanguíneo. Categoria, a dos loucos mansos. A minha loucura consiste em crer que posso mudar a vida dos outros por meio de palavras. Sintomas: não suporto o atual regime; grito contra tudo e contra todos, exceto contra mim; mudo como ventoinha e sou irritadiço, sem resguardo por quem se prontifica a escutar-me às boas (Tolstói in Orlandi, 1972, p. 5).

O escritor Liev Tolstói rejeitava também a instituição jurídica da propriedade, ele acreditava que todos os homens têm direitos iguais aos bens do mundo. Para ele, propriedade significa o domínio dos possuidores sobre os não possuidores. Tolstói, como um anarquista

³ A emancipação dos servos russos ocorreu em 1861, quando Alexandre II decreta o fim do sistema de servidão, sendo libertados, ao todo, 22,5 milhões de camponeses e mujiques.

convicto assume sua própria participação na violência material que assombra a Rússia de sua época:

É um crime que muitos milhares de homens famintos, congelados e profundamente degradados vivam em Moscou, enquanto eu e alguns milhares de outros comemos bifés e solas ao meio-dia e cobrimos nossos cavalos e nossas calçadas com panos e tapetes. Serei um co-conspirador nesse crime, que está sendo cometido incessantemente, enquanto eu tiver um pedaço de pão de sobra, enquanto houver aqueles que não têm nenhum, ou enquanto eu possuir duas roupas, enquanto houver aqueles que não têm nem mesmo uma (Eltzbacher, 2009, p. 15)⁴.

A desigualdade na russa czarista⁵ era gritante, Tolstói e seus seguidores condenavam, sobretudo, a desigualdade entre senhores detentores de propriedades rurais e seus servos ou mujiques: A propriedade consiste em que o pobre dependa do rico; os mujiques para conseguir as coisas que necessitam para viver dependem dos bens de outrem, eles não possuem escolha, senão obedecer, acima de tudo trabalhar para o benefício do senhor (aquele que detém a propriedade) e para simplesmente ter o mínimo de condições para sobreviver em uma sociedade injusta e desigual.

Porém, com tal gênio revolucionário, em 1878, Tolstói entrou em uma grande crise religiosa, abandonando a religião ortodoxa oficial. Publicou uma série de obras críticas e reflexivas, destacam-se *Crítica da Teologia Dogmática* (1880), *Que é a Minha Fé* (1880), *A Morte de Ivan Ilitch* (1886) e *O Reino de Deus é Dentro de Nós* (1891). Em consequência desses escritos e as críticas recorrentes ao modelo político, social e religiosa da época, em 1901 Tolstói foi excomungado pela Igreja Ortodoxa, juntamente com sua excomunicação, a morte de suas tias Antonieta e Pelágia, de seu irmão Nikolai e a morte sucessiva de três filhos produz uma expressiva transformação em sua vida.

Pública então, uma série de artigos, contos e novelas, que vão se revestindo de um caráter cada vez mais sádico ou melancólico, constituindo para o autor um período de profunda reflexão sobre o sentido da existência humana e suas relações sociais. Tolstói tentou encontrar respostas na ciência e na filosofia. Interessou-se pelo budismo e chegou a deleitar-se no pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860).

⁴ Es un delito que vivan en Moscú muchos miles de hombres hambrientos, ateridos de frío, profundamente envilecidos, mientras que yo y algunos miles de otros individuos comemos al mediodía filetes y lenguados, y cubrimos nuestros caballos y nuestros pavimentos con paños y alfombras. Yo seré un coautor de este delito, que se está cometiendo de un modo incesante, en tanto conserve un pedazo de pan de sobra, habiendo quien no tiene ninguno, o en tanto posea dos vestidos, habiendo quien no tenga uno siquiera (Tolstói in Eltzbacher, 2009, p. 15).

⁵ Tolstói condenava o czarismo, regime no qual havia falta de liberdade, censura e opressão, sendo até mesmo a classe nobre subjugada pelo czar.

Depois de ler *O Mundo como Vontade e Representação* de Arthur Schopenhauer, Tolstói converteu-se gradualmente à moral ascética. O romancista ficou impressionado com a descrição da renúncia ascética cristã, budista e hinduísta como o caminho da santidade. Depois de ler as passagens éticas nos capítulos finais do Tomo II de *O Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer, o nobre russo escolheu viver a pobreza e a negação formal da Vontade. Tolstói achava que também que a compaixão, alteridade e pacifismo eram uma obrigação cristã. Tolstói acreditava que um verdadeiro cristão poderia encontrar a felicidade duradoura esforçando-se para atingir a autoperfeição interior, seguindo o mandamento de amar o próximo e a Deus. Sua crença na não-resistência quando enfrentada pelo conflito é outro fundamento baseado nos ensinamentos de Cristo. Portanto, influenciado pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer, o novelista russo Tolstói trouxe a moral ascética exposta pelo filósofo Schopenhauer agora somada ao cristianismo e o anarquismo tolstoiano.

Em seu cinquentenário, Tolstói foi aclamado por suas obras de renome mundial, mas viu que a aparência e luxo não possuem força intrínseca. Para Tolstói, o desejo de ter uma vida simples tal qual os camponeses, não abandonava seus pensamentos, expressando esse desejo através de seus personagens, como Konstantin Levin em sua novela *Anna Kariênina* na própria relação entre Ivan Ilitch e seu mujique Guerrasim em *A morte de Ivan Ilitch*. Foi nessa simplicidade camponesa que Tolstói encontrou a resposta para seus questionamentos: uma vida que vale a pena ser vivida era baseada em uma existência piedosa, consistida no trabalho, simplicidade e misericórdia.

Em sua obra, Tolstói de forma brilhante trouxe à tona o quão mesquinhas são as vaidades e carências oriundas do luxo. De certo, assim como sua afinidade com o ascetismo schopenhaueriano, Tolstói também usufruiu das críticas de Schopenhauer à vaidade humana frente aos bens materiais, poder e reconhecimento perante a sociedade. Para Schopenhauer, a vaidade seria uma manifestação do impulso individualista e egocêntrico da Vontade:

[...] podemos dizer que um dos produtos do intelecto que motiva o homem a continuar vivendo ampara-se no que ele extraída opinião de outros. Isto significa que em alguns casos, o homem oculta o sofrimento fundamental, cobrindo a sua vida com imagens que outros fazem dele (Machado, 2016, p. 87).

Schopenhauer argumenta que o ser humano, ao se apropriar da tendência egoísta natural da Vontade, busca como mecanismo de justificação para sua existência a obtenção da aprovação alheia, tal como Ivan Ilitch e a sociedade petersburguesa na novela *A Morte de Ivan Ilitch* de

Liev Tolstói. Compreende-se que o protagonista conduz toda a sua conduta com a família e sociedade de forma a obter e preservar sua reputação e bens materiais. Tolstói se dedica em expor a vida conjugal e social de Ivan Ilitch e questionar aspectos de sua vida burguesa. Em uma época marcada por processos sociais de transformação na sociedade russa, sobretudo pela luta dos mujiques e trabalhadores contra a desigualdade servo-camponesa em relação aos nobres e burgueses da sociedade moscovita e petersburguesa.

Em 1880, Ivan Ilitch percebeu que o ordenado de 3,5 mil rublos não era suficiente para manter sua vida com Praskovia em uma pequena província russa, na qual exercia a função de Juiz de Instrução. Decidido a buscar uma vida mais confortável e fixar-se na sociedade petersburguesa⁶ Ivan mudou-se para Petersburgo em busca de um ordenado maior, ele já não se prendia a nenhum mistério, nenhuma corrente ou tipo de função, ele só precisava de um posto que ganhasse pelo menos 5 mil de ordenado. Com algumas reviravoltas no Ministério, alguns de seus amigos ocuparam cargos maiores. Dessa forma, para Ivan foi feita a promessa de um posto assegurado em um antigo ministério, o Ministério da Justiça. Agora no novo posto, Ivan recebe 5.000 de ordenado e 3.500 de abono de transferência. Após sua vida titubear agora tudo voltará aos eixos, tudo estava de acordo com o plano.

Ele encontrou um apartamento lindo, encantador, justamente como sonhavam marido e mulher, com uma sala de recepção ampla que o próprio Ivan encarregou-se da decoração. Na realidade, era tudo igual como se encontrava na casa de todas as pessoas que não são provavelmente ricas, mas que querem parecer ricas. Ivan nunca abusava de seu poder, ao contrário, tentava ser transparente, mesmo possuindo a consciência de que ser detentor do poder lhe cativava, na realidade, a possibilidade de ascensão social e grande remuneração representavam para ele o principal interesse e atração pelo seu trabalho no Tribunal De Justiça. Ivan Ilitch, embora não fosse o mais ganancioso dos seres, era um homem como qualquer outro, repleto de vaidade e desejo, sobretudo no tocante a bens materiais.

Na novela russa, observamos que ao visar seu prestígio social, quando era apenas um Juiz de instrução em uma província menor, o protagonista conheceu sua futura esposa Praskovia, a moça mais atraente, inteligente e brilhante do círculo de seu convívio. A donzela era de uma família nobre, bonita e honrada. Ivan casou-se pelas seguintes considerações: ele fez algo agradável ao casar-se, fez aquilo que seria considerado correto pelas pessoas que ocupavam altos postos. Posteriormente, com o nascimento do primeiro filho, sua esposa se

⁶ A palavra “petersburguesa” refere-se aqui a sociedade burguesa e de classe alta proveniente da capital São Petersburgo na Rússia do século XIX.

revela cada vez mais irritante e exigente, fazendo com que ele se refugie cada vez mais no *Vint* com os colegas e no trabalho, distanciando-se da família. De certo, Ivan Ilitch preocupava-se mais com o olhar dos não familiares e excedia em suas tentativas de exhibir seu sucesso e sua ascensão social, a fim de conquistar mais e mais amigos influentes e alavancar-se profissionalmente. Para tal, vive acima de suas posses, dando festas e reuniões sociais, frequentando lugares de alta classe e usufruindo dos melhores bens e serviços.

Por estes motivos, Ivan Ilitch não consegue passar um mês com saldo positivo em conta, fato que, posteriormente, junto com a indiferença quanto a família, será um dos empecilhos para a manutenção de um bom relacionamento com Praskovia. Destaca-se também que Ilitch desde criança era considerado *olephénix de la famille*⁷ e buscou manter a boa aparência perante a alta sociedade desde de que era um pequeno rapazote no colegial até o descobrimento de sua enfermidade, mantendo sempre inquietações pessoais e problemas familiares longe dos olhos de outrem.

Quando a doença de Ivan Ilitch avança, os amigos que frequentavam suas festas exuberantes somem e até mesmo a família renega os sentimentos solidários para com o patriarca. Vide que somente seu humilde mujique⁸ Guerassim é que lhe cuidava e tratava como um enfermo digno de respeito e compaixão. Diante dessa situação, o juiz vê sua ambição e espírito materialista se esvaindo, compreende, enfim, que fora em vão perseguir uma vida fútil e opulenta, toda a riqueza e prestígio de nada serve ao homem em seu leito de morte. Não se pode comprar a vida, não se pode subornar a morte para que esta venha em outro dia, não se pode trocar o seu cargo por minutos a mais com os seres amados, de nada adianta, o ser humano mesmo em toda a sua luxúria é impotente perante a finitude da vida.

Certamente, *A morte de Ivan Ilitch* possibilita o questionamento de decisões e formas com as quais a vida é conduzida, pois Ivan, em toda sua riqueza, acreditava que sua vida era agradável e justa. Porém, o questionamento perante a realidade surge quando tem a consciência de que a morte se aproxima, somente nesse momento, Ivan retira sua máscara.

Ele não é mais o juiz importante, detentor de poder, e confiante de si, agora era humano, no sentido mais amplo da palavra, mostrava-se um homem vulnerável, dotado de sentimentos. Sentimentos esses, que embora não se façam nítidos a Praskovia, são transparentes ao leitor. Com uma escrita simples, Tolstói faz com que o leitor se aproxime do sofrimento, da emoção desagradável perante a queda das máscaras sociais e da consciência de finitude da vida humana.

⁷ Em francês no original: “o gênio da família”.

⁸ Era a denominação dada ao camponês russo, indicativo de certo nível de pobreza, situação social inferior.

Após a disseminação das novelas e prosas românticas, que se inicia com o poeta e prosador Aleksandr Puchkin, personalidades como Leon Tolstói se destacam no âmbito da literatura universal, considerado um dos mais expressivos escritores da época, Tolstói em suas obras concentra-se na essência da natureza humana, sua relação com o mundo, medos e carências próprias do homem. Para exemplificar, a temática da morte é amplamente tratada em sua novela *A Morte de Ivan Ilitch*.

Desde o início da doença, desde o momento em que Ivan Ilitch foi ao médico pela primeira vez, sua vida dividiu-se em dois estados de espírito opostos, que se alternavam: ora o desespero e a espera pela morte, incompreensível e horrenda, ora a esperança e uma vigilância plena de interesse sobre o funcionamento de seu corpo (Tolstói, 2020, p. 208).

Na Rússia, Tolstói teve o êxito de trazer a característica de personificação da morte e a capacidade desta de apresentar sua chegada ao protagonista moribundo. Certamente, Ivan Ilitch percebeu ao adoecer, a experiência de sentir a morte se aproximando e a peculiar incompreensibilidade quanto a finitude humana. Certo do decorrer de sua morte, em muitas passagens Ivan prefere negá-la ou reiterar a ideia de que estava melhorando, independente de que em seu intelecto ele sabia da auto enganação. “A dor não diminuía; mas Ivan Ilitch fazia esforço para obrigar-se a pensar que se sentia melhor. E ele até conseguia enganar-se quando nada o perturbava” (Tolstói, 2020, p. 118). Ivan sabia que desfaleceria e o desespero não o deixava, no fundo da alma ele sabia bem que iria morrer, mas não aceitava com a ideia de desfalecer e não compreendia. “Não podia mais enganar-se: dentro dele ocorria algo terrível, novo e significativo, significativo como nada nunca fora na vida de Ivan Ilitch” (Tolstói, 2020, p. 123).

No capítulo XI, o autor russo mostra toda a incompreensibilidade e revolta do personagem com esse pressentimento. Ele chorou intrigado por seu desamparo e injustiça do universo, por aquilo estar acontecendo logo com ele, não parecia certo, logo ele que vivera uma vida plena, justa e honrada. “Por que é que fez tudo isso? Por que é que me trouxe aqui? Por quê, por que me tortura tão horivelmente?...” (Tolstói, 2020, p. 198). Chorou por seu desamparo, pela solidão do enfermo, pela indiferença dos familiares, pela crueldade de Deus e pela ausência de compaixão. Ivan se sentia carente e torturado, abandonado por todos, um pobre moribundo que não é nem mesmo digno de cuidados e benevolência de seus familiares, mas se por um lado esta era sua visão do fato, por outro sua esposa e sua filha o viam como um fardo a ser carregado, uma pessoa difícil de conviver e frequentemente aborrecido.

Depois se calou, parou de chorar e se fez toda atenção a uma voz em seu interior, era como se ele ouvisse atentamente a voz da alma, o fluxo dos pensamentos que se erguiam dentro dele. Esse contato o deu o incontestável fato de que não havia mais tempo, a voz o fez recordar toda sua vida da infância ao surgimento da enfermidade, fez com que ele chegasse à conclusão de que “talvez eu não tenha vivido como era preciso” (Tolstói, 2020, p. 202), mas agora era tarde de mudar sua situação, a morte já estava batendo em sua porta e não havia tempo de se esconder.

REFERÊNCIAS

ELTZBACHER, Pablo. **El cristianismo anarquista de Leon Tolstoi**. Madri: La Espanã Moderna, 2009, p. 15.

MACHADO, B. M. (2016). A vaidade em Paul Rée: uma questão entre Nietzsche e Schopenhauer. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**, Santa Maria, RS. 7(1), 84-104. <https://doi.org/10.5902/2179378633753>.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação, segundo tomo**: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

TAYAR, Rafael Marcelino. A Rússia do Século XIX: Entre a história e a literatura. **Colloquium Humanarum**: Revista de pós-graduação da Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente, SP: v. 14, n. 1, p. 24-30, 2017.

TOLSTÓI, Liev. **A Morte De Ivan Ilitch**. Tradução de Lucas Simone. Rio de Janeiro: Autofágica, 2020.

TOLSTÓI in ORLANDI, Enzo. **Tolstói**. Coleção Gigantes da literatura universal. Verona: Editorial Verbo, 1972.